
A POTÊNCIA DAS CONVERSAS COMO METODOLOGIA DE PESQUISA: CAMINHOS PARA A LIBERDADE ACADÊMICA

Patrícia Gama Temporim Cansi¹

Liviane Dias Freitas da Silva²

Cristina Lens Bastos de Vargas³

CAMINHOS ZIGZAGUIANTES DA VIDA

Ano de 2011, meio barulho de recreio, cheiro da merenda, correria das crianças, professores com pilhas de diários nas mãos, Cristina Lens, na ocasião, Pedagoga da Secretaria Municipal de Educação do Município de Cachoeiro de Itapemirim-ES, chega na Escola Municipal “Prof. Valdy Freitas”. Com brilho no olhar nos cumprimenta e diz que vai começar sua pesquisa de mestrado e que já havia conversado com a gestora sobre o assunto. Na época eu e Liviane, éramos pedagogas da escola e nos colocamos à disposição para ajudá-la, ela respondeu que estava tudo bem e só precisa observar o recreio.

Março de 2019, Liviane, Gerente de Auditoria da SEME junto comigo Patrícia, Subsecretaria de Educação Básica nos reunimos com a atual Secretária Municipal de Educação, no caso Cristina Lens, para apresentar uma proposta de curso a ser ofertado à professores da rede municipal e aberto também à comunidade. Antes de entregar os papéis na mão de Cristina Lens, fiz uma observação: tratava-se de um sonho. Ela novamente sorriu, leio a proposta e deferiu a produção do curso.

Ate os dias de hoje lemos e relemos a dissertação de Cristina Lens intitulada “Currículos como redes de ‘saberesfazeres’ e as invenções que potencializam a vida” (VARGAS, 2013) e conversamos sobre a sensibilidade, cuidado e ética que ela teve ao falar da escola “Prof. Valdy Freitas”. Com um olhar escavador ela nos apresentou potências da escola e seus desdobramentos, que devido à nossa correia e naturalização do olhar não conseguíamos enxergar. E foi a partir dessas observações que nos interessamos em estudar os Cotidianos Escolares. Vivemos então o que Jorge Larossa cita, cultivamos a arte do encontro:

¹ Mestre em Educação pela UFF – Universidade Federal Fluminense - Pedagoga da Unidade Central - Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, patriciagamatemporim@hotmail.com.

² Pós-Graduada em Psicopedagogia pelo Centro Universitário São Camilo - Pedagoga da Unidade Central - Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, livianedfs@outlook.com.

³ Doutoranda em Educação pela UFES – Universidade Federal do Espírito Santo – Pedagoga da Unidade Central Prefeitura Municipal de Cachoeiro de Itapemirim, cristinalenss@gmail.com.

“A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade”. (LAROSSA, 2016, p. 25).

Narramos essa história para pontuar a importância das redes de afetos que se desenvolveram na escola e como aquele encontro nos atravessou e nos afetou. Percebemos a produção e circulação de conhecimentos em redes a partir de uma Pesquisa com o Cotidiano através das conversas.

Como também o fortalecimento para discussão de como é necessário ter pesquisas acadêmicas que envolvem práticas pedagógicas com a escola e não sobre ela. A convivência com uma pesquisadora na escola naquela época possibilitou diversos desdobramentos na nossa vida profissional, permitindo-nos compreender a circulação e produção da potência desse trabalho com a escola.

CAMINHOS DE LUTA PARA A LIBERDADE DE CÁTEDRA

A partir desse encontro, nos interessamos a estudar sobre as Pesquisas com os Cotidianos. Envolvemos em leituras, estudos, participamos de seminários, congressos e mestrado⁴ tendo os estudos com os Cotidianos como o propositos para discutir a escola. E quanto mais mergulhamos (ALVES, 2003) nos estudos com os cotidianos, mais defendemos que os conhecimentos são em redes e nos afetam. A partir desses pensamentos decidimos organizar um curso, em forma de estudos de textos, para colegas professores da rede municipal e aberto também para comunidade sobre a potência das conversas como metodologia com as pesquisas dos cotidianos.

Resolvido essa parte administrativa, nos envolvemos em organizar os textos que seriam trabalhados. Optamos em selecionar textos de pesquisadoras como Regina Leite Garcia, Nilda Alves, Nívea Andrade, Carmen Pérez e do cineasta Eduardo Coutinho.

No meio dessa eufórica produção, eis que uma colega de trabalho pergunta: - *Por que montar um curso que estuda pesquisas acadêmicas que foram produzidas através de conversas?* Respondemos que é uma maneira de apresentar caminhos de luta contra as formas que tentam invisibilizar a liberdade de cátedra das(os) professoras(es) e de todas as outras pessoas que estão na

⁴ Patrícia Gama Temporim Cansi: Mestre em Educação em março de 2019, pela UFF – Universidade Federal Fluminense na linha de pesquisa Estudos dos Cotidianos da Educação Popular. Dissertação intitulada: *É escola ou Espetáculo? Um grupo de dança que faz da sociabilidade seu currículo escolar.*

Educação. É ressoar o que a professora e pesquisadora Regina Leite Garcia disse: “anunciar alto em bom som que a escola pública não está morta e que as professoras não desistiram de lutar pela sobrevivência dela” (GARCIA, 2003). Continuando nossa defesa pela produção do curso, apontamos ainda que nós, professores, somos pesquisadores e precisamos legitimar o espaço de produção científica, tanto nas leituras e nas nossas próprias escritas. Com nos aponta a professora Carmen Pérez:

“A narrativa no espaço escolar abre a possibilidade de valorizar a trajetória histórica e cultural dos grupos que o habitam e de constituir-se em um espaço para aprender a própria história, o que já representa uma forma de resistir, de mostrar para si (professoras e professores) que produzimos cultura”. (PÉREZ, 2017, p. 19).

Que todas as experiências tecidas na escola são importantes, que os conhecimentos são produzidos em redes e precisamos distanciar classificações impostas historicamente sobre eles, conforme dito pelas professoras Regina e Nilda:

“Nos fizeram acreditar que aquela maneira de criar conhecimentos (através do contato com o outro, em casa, na rua no trabalho, nas situações em que a vida nos desafia a resolver questões, “enredando” ou “tecendo” saberes) era um modo pouco ou nada importante, quando não, “errado””. (ALVES, GARCIA, 2002, p. 82).

Como também problematizar situações que muitas vezes não são vistas e que traz pistas pensar com a escola e não sobre ela, afastando as heranças da Ciência Moderna. É aprender a enxergar as situações com olhares descortinados, é sensibilizar-se com que os estudantes nos falam todos os dias. É pensar, quais meios podem tornar a escola um efetivo espaço de conhecimentos e significações.

A HORA DA VERDADE

Após divulgação do curso, percebemos que o número de inscritos foi maior do que o esperado. Daí, como resolver a situação? A proposta era fazer roda de conversas e com sessenta pessoas não seria viável. Também não podíamos esquecer que a proposta era socializar esses estudos com que estava interessado, decidimos então montar duas turmas. Confessamos que foi um tanto preocupante essa questão, uma vez que o próprio curso para nós é algo novo, não é um ensaio, e como a professora Regina Leite diz, “estamos sem bóias” nesse momento. É a hora da verdade, um desafio conduzir seis meses de estudos com colegas, que em quase sua totalidade nunca tiveram contato com essa perspectiva de pesquisa. Não deixa ser para nós uma pesquisa!

No momento de pós-inscrições e início dos encontros, nos pegamos pensando sobre a força empregada também com nosso corpo. Sabíamos que organizar duas turmas no horário noturno, - foi o único horário possível - após oito horas de trabalho não seria fácil nem para nós e nem para os colegas cursistas. Mesmo sendo duas vezes por semana, é algo que desrotina o corpo. Porém o que nos move supera o cansaço, é instigante e desafiador.



Imagem: primeira roda de estudo

Foto: arquivo das pesquisadoras

Nesse contexto ficamos desafiadas a propor nossos estudos em uma dinâmica coletiva, distanciando-se de um perfil de palestra e desenvolver leituras sobre os textos apresentados. Atentas ainda a pensar que as leituras precisam ter dimensões como a professora e pesquisadora Nilda Alves defende nas *'prácticateoriaprática'*⁵ ao final do curso cada participante deverá escrever sobre uma experiência que envolva a escola na perspectiva dos cotidianos.

Antes de iniciar os estudos, apresentamos o documentário sobre os pensamentos do cineasta Eduardo Coutinho e como ele lidava com as conversas em seus filmes. Assim, entendemos que seria uma boa maneira de ir aproximando as cursistas com o campo que será estudado.

Em uma entrevista concedida à TV, após o falecimento do cineasta, a produtora Jordana Berg fala sobre Coutinho: Ele nunca entrava num filme para derrubar a pessoa, para pegar ela pelo pé, para pegar se contradizendo, para pegar ela em uma mentira, ou para ridicularizar o que ela estava dizendo. Ele entrava de coração aberto para aquilo que ela estava falando, da maneira como ela estava falando como a verdade.

⁵ Termo defendido pela professora Nilda Alves, caracterizando-se pela indissociabilidade entre os termos utilizados.

Ao término do vídeo conversamos sobre essa postura de Coutinho que se encontra com os pensamentos das Pesquisas dos Cotidianos, pois evidencia as potências produzidas. Daí uma cursista pergunta: - *Onde esse tipo de pesquisa se encaixa nos livros de metodologia científica? Ela é quantitativa ou qualitativa?*

Pesquisar com os cotidianos é imprevisível. Não há como controlar. Foi nesse momento que percebemos que o curso de fato havia começado. Ouvindo a essa pergunta reta e sem rodeios nos levou imediatamente no que Nilda Alves fala sobre a herança da Ciência Moderna, em todas as maneiras formatadas que tentam inserir a escola, as pessoas, os conhecimentos. E como é complicado pensar sem ter um modelo a ser seguido.

No momento dessa pergunta nossas intenções sobre a produção do curso se renovaram, se revigoraram, pois entendemos que o curso pode ser uma possibilidade para sensibilizar nossos olhares junto à escola, perceber que são múltiplas as produções, e precisam ser evidenciadas as riquezas que acontece no cotidiano escolar.

Voltando a pergunta feita pela colega, respondemos que trata-se de um campo de estudo novo, que ela não encontraria as Pesquisas com os Cotidianos em livros específicos e clássicos de metodologia científica e com o desenrolar dos encontros, as leituras dos textos nos ajudarão a entender sobre essas pesquisas.

CONVERSAS QUE NUNCA TERMINAM

Planejamos esse curso pensando e vivendo na perspectiva das Pesquisas dos Cotidianos, isso é, temos como método a “insegurança” de algo ainda não realizado. Organizamos um planejamento de estudos com textos que abordam pesquisas que tiveram a conversa como metodologia de pesquisa, sabemos quais são nossos objetivos com o curso, porém em momento nenhum temos certezas de quais caminhos ele tomará.

Propomos um curso em forma de leituras e discussões de textos direcionando os olhares para a escola, e assim muitos desdobramentos nos aguardam até o mês de setembro desse ano, quando termina nossas rodas de estudo.

Fortalecidas na intenção que as conversas produzem múltiplos caminhos, acreditamos nelas para compor na escola, práticas que consideram: os conhecimentos, a coletividade, a solidariedade, a emancipação de estudantes de professores em meio tudo que o país sofre referente às políticas públicas e desigualdades econômicas, éticas e sociais.

A companhia de Regina Leite Garcia, Nilda Alves, Eduardo Coutinho, Nivea Andrade e Carmen Pérez entre outros nos provocará a pensar com a escola e não sobre ela.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. **Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas**. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa; GARCIA, Alexandra (orgs.). Nilda Alves: Praticantepensante de cotidianos. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- GARCIA, Regina Leite. **A difícil arte/ciência de pesquisar com os cotidianos**. In: GARCIA, Regina Leite (Org.). Método; métodos; contramétodos. São Paulo: Cortez, 2003.
- COUTINHO, Eduardo. **Entrevista**. In: BRAGANÇA, Felipe (org). Eduardo Coutinho. Rio de Janeiro: Azougue, 2008. Coleção Encontros.
- ESPINOSA, B. Ética. Trad. Grupo de Estudos Espinosianos; coordenação Marilena Chaui. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: Escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Experiência e narrativas em Educação (sob forma de uma apresentação)**. In: Experiências e narrativas em Educação. Niterói: Eduff, 2017.

RESUMO

O presente artigo apresenta experiências a partir de um curso intitulado "Práticas Pedagógicas na Educação: Pesquisas através de Conversas", foi produzido e ofertado por professores da Educação Básica da Rede Pública. O curso iniciou em abril de 2019 e tem como principais interlocutores professoras e pesquisadores do Campo dos Cotidianos como Nilda Alves, Regina Leite Garcia, Carmen Pérez, Nivea Andrade e o cineasta Eduardo Coutinho entre outros. Esse texto provoca reflexões sobre caminhos que são criados em busca da liberdade acadêmica e produção de conhecimentos em redes. Apresenta também a dinâmica de organização do curso, onde nas rodas de leitura estão sendo abordados textos que tem as conversas como metodologia de pesquisa. Em tempos tão incertos vividos no Brasil, o presente artigo aponta a força das conversas como um elemento propositivo e subversivo para pensar a Educação no contexto das potências, produção de conhecimentos e suas redes de significações.

Palavras-chave: Conversa. Liberdade. Escola. Cotidiano.